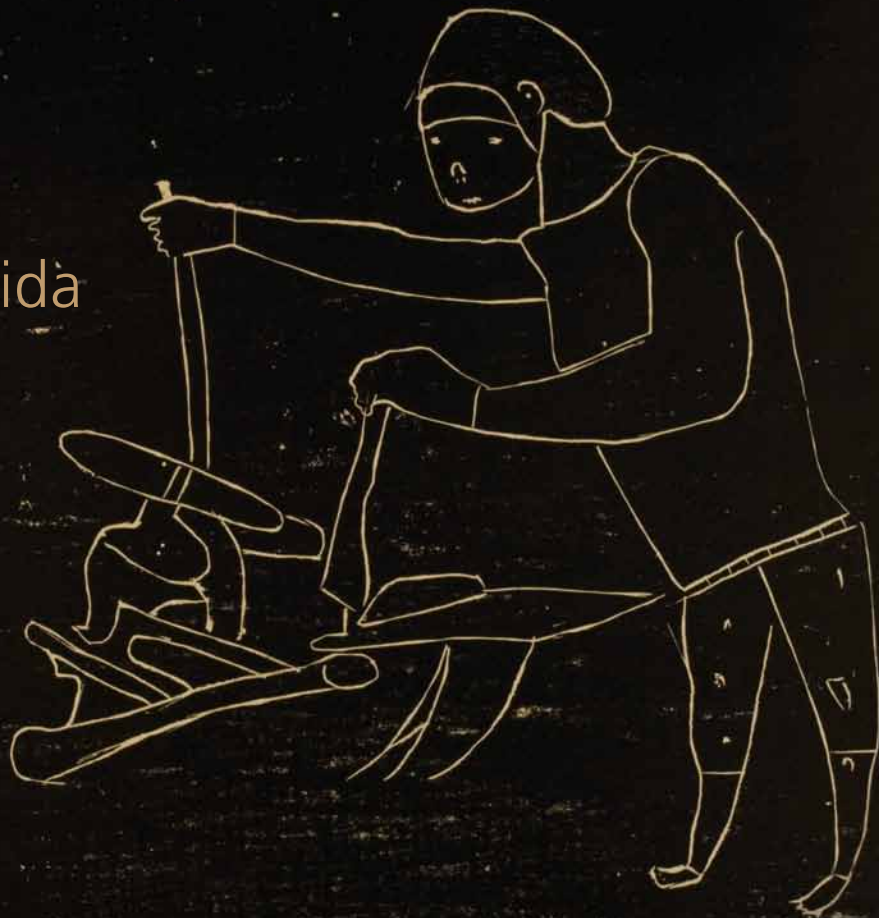


Jota Rodrigues
o verso e a vida



J.R

Jota Rodrigues

o verso e a vida



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
IPHAN/ Ministério do Turismo

Realização

Ministério do Turismo

Ministro Marcelo Álvaro Antônio

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Presidente: Kátia Bogéa

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor: Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Diretora: Claudia Marcia Ferreira

Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore

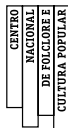
Edison Carneiro

Presidente: Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti

realização



ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO
MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO

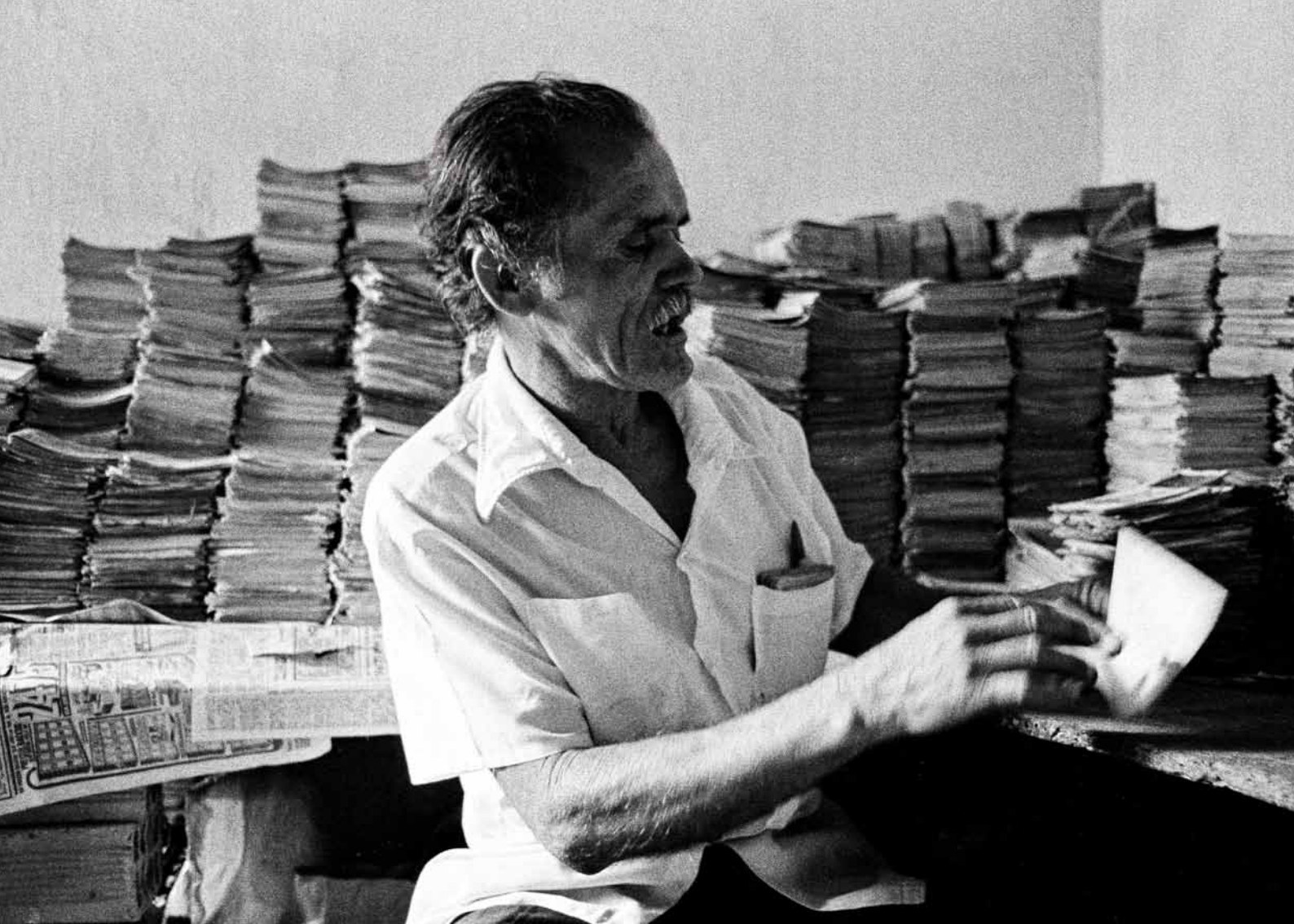


CENTRO
NACIONAL
DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR



MINISTÉRIO DO
TURISMO





Programa Sala do Artista Popular

Coordenadora: Elisabeth Costa

Pesquisa e texto

Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento
e Ricardo Gomes Lima

Filmagem

Ana Carolina Nascimento
Raquel Dias Teixeira

Fotografias

Acervo da família (p. 13, 15, 23 [2], 27 [4])
Ana Carolina Nascimento, 2015 (p. 21[6])
Francisco Moreira da Costa, 2019 (p. 6, 10, 20, 21 [4],
24 [2], 27 [3], 30 [2], 31-35)
Luis Peregrino, 1983 (p. 2, 21 [1 e 2], 27 [1], 28)
Raquel Dias Teixeira, 2015 (p. 21 [5], 25, 26, 27 [2])

Projeto de montagem e produção da mostra

Luiz Carlos Ferreira

Programação visual

I Graficci Programação Visual - Victória Sacagami

Edição e revisão de textos

Lucila Silva Telles
I Graficci Programação Visual - Natália Natalino

Sonorização e produção videográfica

Alexandre Coelho

J85 Jota Rodrigues: o verso e a vida / pesquisa e texto de Ana Carolina Carvalho de Almeida Nascimento e Ricardo Gomes Lima. – Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2019. 36 p. : il. – (Sala do Artista Popular, n. 200).

ISSN 1414-3755

Catálogo etnográfico lançado durante a exposição realizada no período de 28 de novembro a 08 de dezembro de 2019.

1. Artista Popular. 2. Cultura Popular I. Nascimento, Ana Carolina Carvalho de Almeida, org. II. Lima, Ricardo Gomes, org. III. Série.

CDU 7.067.26-05

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesão em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, com estes participando mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas, no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.

Jota Rodrigues

o verso e a vida

Ana Carolina Nascimento
e Ricardo Gomes Lima

A vida atrevida de José Rodrigues de Oliveira (1934–2018), o poeta Jota Rodrigues, deixou registros sensíveis de seus percursos: uma extensa produção de folhetos de cordel, xilogravuras, objetos, fotografias, entrevistas gravadas em áudio e vídeo, textos e memórias de sua família e de professores, pesquisadores e jornalistas com quem seus caminhos se cruzaram¹.

Parte destes registros é apresentada ao público na 200ª edição da Sala do Artista Popular (SAP), 36 anos depois da inauguração deste espaço, em 1983, com a exposição *Jota Rodrigues: folhetos, romances/literatura de cordel*.

Jota narrava sua vida a partir de histórias, filosofias, das imagens e objetos que apontava nas paredes do Centro

Cultural que ergueu em sua casa e das cicatrizes em seu corpo. Tudo era mostrado como marcas de uma vida que, se lhe impôs sofrimentos, a partir do aprendizado com eles, legou um entendimento profundo da existência.

Na narrativa, organizava a vida em torno de certos marcos, encontros com pessoas que provocaram transformações e aprendizados fundamentais, como o da escrita e a criação de histórias, o exercício de novas profissões, mudanças de destinos e cidades, formações afetivas e familiares.

Colocando tudo em relação, como uma sucessão de crises, dava um sentido aos caminhos que percorreu e lugares que conquistou. Enquanto narrava, a cada novo personagem introduzido, recuperava retrospectivamente a história até chegar novamente ao ponto inicial, a morte da mãe, vivida dramaticamente, contando e recontando muitas vezes a sua vida desde o nascimento. Isto era feito com riqueza de detalhes e informações.

Nomes de pessoas, ruas e estabelecimentos sugeriam misteriosamente a interferência da sorte em seus caminhos. Ainda que o interlocutor tentasse apressá-lo, curioso para

saber o desfecho de determinada situação, voltava ciclicamente à infância, revisitando todos os marcos. Era preciso aprender a ouvi-lo em seu próprio ritmo e forma de contar. Capaz de falar por horas seguidas, um dia inteiro, de pé, sem ao menos beber água, brincava: “Se não mandarem eu parar, eu não paro, é trinta dias falando”.

Jota nasceu em 5 de maio de 1934, no município de Águas Belas, região do semiárido do estado de Pernambuco, que contava então com cerca de 30 mil habitantes. A mãe, indígena do grupo *fulni-ô*, morreu antes que Jota completasse 5 anos de idade. O pai (já viúvo de um primeiro casamento do qual nasceram 13 filhos, deixados em Alagoas), ficou com os 11 filhos do segundo casamento, uma prole de Marias e Josés da qual Jota era o caçula.

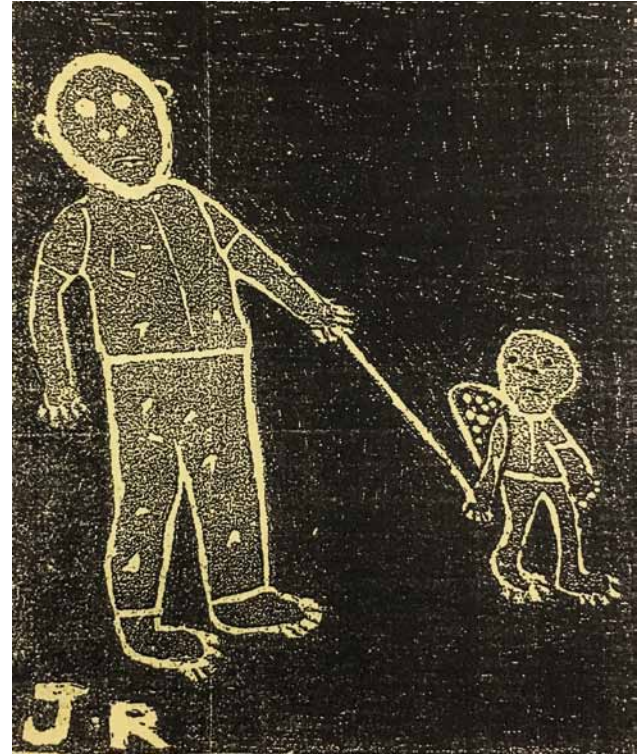
À morte da mãe se seguiu uma desestruturação temporária dos laços familiares. Sozinho, o pai, que vivia da venda de água de porta em porta, não conseguiria criar os filhos e lhes deu destinos diversos, para que não passassem fome. Jota foi entregue a um capataz de fazenda que prometeu criá-lo, mas o escravizou, submetendo-o com tão pouca idade à dura rotina de trabalho e aos castigos corporais.



Enquanto trabalhava, do lado de fora da porta da escola via os filhos dos empregados da fazenda soletrando a cartilha do ABC, e cultivava um imenso desejo de aprender as primeiras letras. Quando a família recebeu notícias de sua situação, traçou um plano de resgate. Escondidos pela madrugada, ele e os irmãos caminharam por 8 léguas de volta para casa.

Como o pai continuava não podendo sustentar a família, Jota começou a trabalhar. Considerava como seu primeiro emprego o ofício pelo qual tomou gosto: guia de cego. Primeiro acompanhou a cega Maria Grelada, que pedia esmolas nas feiras, e o menino ganhava uma parte das frutas, farinhas e doces que ela recebia. Depois, passou a acompanhar o cego Pedro Siqueira, que gravava versos na memória e cantava de porta em porta.

Tomou contato com as histórias cantadas nos primeiros anos da infância. O pai – que, por sua vez, seguiu o caminho do avô, e este o do bisavô – era violeiro, até perder a esposa e deixar o instrumento, desgostoso da vida. A linhagem familiar teria transmitido a Jota a poesia. Ouvindo o cego cantar, despertou em si o interesse para



criar suas próprias histórias: “Aquilo foi me envenenando de uma tal maneira, que o meu caminho era só aquele mesmo, não tinha outra coisa que me dominava”.

À vontade de criar histórias se impunha a barreira de não saber ler e escrever. O cego o aconselhou a catar papéis nas ruas, pedaços de carvão ou tijolo e riscar nas calçadas copiando o formato das letras. Continuou seus estudos informais com a ajuda da mulher de seu tio e, mais tarde,

buscando a amizade dos meninos do grupo escolar, depois da mudança da família para Recife. Na capital, passou a frequentar o Mercado São José, reduto de poetas e cantadores. Aos 12 anos de idade, em 1946, finalmente concluiu o seu primeiro título: *Cordel, tiatro e curta da roça*.



Peço a deus pra me ajudar
Com minha leitura groça
A fazer o primeiro foíeto
Pelas manera qui eu poça
Nas rimas sadia e pura
Codel tiatro e curta
Do povo felis da roça

Discrevo aqui as riquezas
Do foieto popular
E já qui sou analfabeto
Peço Pra me discupar
Mais so erro em purtugues
Porem garanto a vocês
de no tratado não errar

(escrito em 1946 e impresso em 1976)

No dossiê de registro da literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil, esta é definida como um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira, carregando vínculos com as culturas africana, indígena, europeia e árabe. A literatura de cordel é um fenômeno cultural vinculado às narrativas orais, à poesia cantada e declamada e à adaptação para a poesia dos romances em prosa trazidos pelos colonizadores portugueses (Brasil, 2018).

No Nordeste do Brasil, no século XIX, poetas conectaram todas essas influências, associaram-nas às regras de versificação utilizadas na cantoria de viola e difundiram um modo particular de fazer poesia, com regras de métrica, rima e oração, e veiculada em publicações com características editoriais próprias (folhetos impressos em papel jornal, com tamanho de 11 cm x 16 cm, número de páginas múltiplos de quatro e capas coloridas, estampadas por clichês de fotografias ou xilogravuras). Os poetas desenvolveram também um sistema de edição e circulação, e muitos deles combinavam os papéis de criação, edição e venda de sua produção escrita.

A literatura de cordel alcançou grande penetração no Nordeste. Tornou-se veículo de alfabetização, numa região do país em que, por muitas décadas, boa parte da população não tinha acesso ao ensino formal. A memorização de versos lidos em voz alta e cantados nas feiras e sítios facilitava a associação das letras ao som das palavras, engendrando possibilidades diversas de práticas de leitura. Tornou-se também um meio de propagação de notícias, ficando os folhetos conhecidos como “jornal do sertão”. Ao longo de mais de um século, este fenômeno de criação cultural assumiu diversas modalidades de expressão e inserção social, sendo realizado por múltiplos setores e grupos e adquirindo formas variadas de atualização (Gonçalves, 2007).

Na contemporaneidade, a produção de literatura de cordel circula em folhetos, livros ilustrados publicados por grandes editoras, peças virtuais produzidas em sites e blogs na internet, CDs, material de ensino em escolas, peças publicitárias, programas de rádio e televisão, novelas, enredos de escolas de samba, espetáculos de teatro. Jota Rodrigues dizia: “A literatura de cordel é um universo. Sabe como é, o mundo da

literatura é muito grande". A trajetória e produção de Jota expressam um dos mundos possíveis, ou formas possíveis de ser poeta e fazer cordel.

Em Recife, o poeta trabalhou como mecânico de automóveis, tapou buracos no asfalto e foi jogador de futebol, até começar na profissão de "chofer de pau de arara". Fez diversas viagens de ida e volta para São Paulo e Rio de Janeiro, onde passou algumas temporadas trabalhando como camelô nos trens. Após um desentendimento com a primeira esposa, com quem muito jovem teve uma filha, deixou Recife e partiu em sua viagem de migração para o Sudeste, no início dos anos 1960.

Dava ares de epopeia à narrativa sobre a viagem, ao contar que, passando pela praia de Itapoã, em Salvador (BA), resolveu levar consigo uma costela de baleia de cinco metros de comprimento e peso de 50 kg. Em Governador Valadares (MG), pouso frequente dos caminhões pau de arara no trajeto entre o Nordeste e o Sudeste, parou para entregar uma carta. Teve de estender sua estadia, estava com as roupas e pertences cobertos de óleo e cimento.





Caminhando pelas ruas, sem motivo aparente, mudou de rumo: “Foi aí que a sorte se abriu”. Foi acolhido por uma família que gostava de ouvir “seu Pernambuco” contar histórias, reunindo vizinhos para ver a costela da baleia. Casou com Terezinha, filha da família que o recebeu, e que foi sua companheira de toda a vida. Passou a fazer trabalhos como marceneiro e colchoeiro, e tornou-se locutor da Rádio Educadora Rio Doce, animando um programa de auditório de revelação de novos artistas.

A primeira tentativa de imprimir suas histórias foi em uma viagem a São Paulo como motorista. Soube por um de seus passageiros da existência da consagrada editora Prelúdio, especializada em literatura de cordel. Reuniu os manuscritos que tinha produzido até o momento e levou até lá. Para sua enorme decepção, o trabalho não foi aceito “por não ter o português”, ou seja, não apresentar a grafia correta das palavras e o domínio das regras gramaticais. Não aceitava que seus textos fossem corrigidos: “O meu cordel é feito com a minha criatividade e o meu analfabetismo – isso faz parte da sua essência”.

Ser um poeta analfabeto e usar sempre chinelos de dedo eram características que, de seu ponto de vista, o individualizavam em relação aos outros poetas: “Eles eram grandes escritores porque sabiam ler, e eu também grande porque não sabia ler”. Fazia uma diferenciação entre duas formas de conhecimento: o “magistério da natureza” e o “magistério dos livros”.

LIT. DE CORRAL, POUTA, VITÓRIA, PABUNGA
 NA LAMPÃO, NÃO FOI BANDA
 1

QUIZERA DE NADAR
 DIZIA SEM E INSPIRADO
 PIA, QUI, EU NÃO CORREL
 DESCEVA, COM EXATIDÃO
 LAMPÃO, NÃO FOI BANDA
 MAS UM VINDADO, TÁBIDO
 PELAS LEIS, SETA, NADAR

REVISTA, DADIA, ZEPANIS
 C. NEMIA, TELEVISÃO
 E. POETAS, CONCEITOS
 MODELO: UM LAMPÃO
 DE, TANDA, E BANDA
 COVARDA, BANDA
 E UM DETEÇÃO, LAMPÃO

MINI, LAMPÃO, NÃO FOI BANDA
 CAVANDE, MONTE, NA LAMPÃO
 FOI, MINHO, PODE, QUI NA, INFRACIA
 VIVIA, COM, O, PEGADO, CADA
 F. QUI, NASCIDA, COM, UM, OLHO, DOIXO
 E, OS, OLHOS, MINUS, DEL, CADA
 FASIM, LE, UNILHARCO
 LI

A. DELICIA, LE, VENDIA
 NITAMENTE, F. MUNICÍPIO
 E. TONDE, SAIRO, PABUNGA
 NA, SIA, PABUNGA
 PEN, FOTIA, DO, HENDENDO
 TINHA, UM, COXEN, DORTADO
 E. FIA, COM, PIEDRO, LAMPÃO
 27

F. DE, PREENDESE, LAMPÃO
 A. MANTATA, SE, A, CAVADA
 COMO, O, TRENTE, BIZERRA
 QUI, COM, ELE, E, O, SAUTO, CAVADA
 E. QUI, VENENO, NA, A, SIA, BOIO
 ENVENENADO, O, MOTO
 E. BOIO, SUI, TINHEMADO

E. TÁBES, CRIME, A, CONTECIDO
 LAMPÃO, ERA, O, CULPADO
 E. O, VERDADIDE, ASSA, CINDO
 O, CUSTO, ERA, LAMPÃO
 TODOS, ERAM, DO, SERTO
 H. ELE, ERA, EMPUTADO
 31

REGIMIO, ABO, O, CONDE
 O, PAPEL, SE, ACORDO
 TEND, TAMBEM, UM, PEGADO
 BICO, PARA, O, BOM, LETTOR
 CAVARDE, ESTE, A, CONTECIDO, DE
 UM, HEROI, QUI, NÃO, FOI, BANDA
 E. QUI, FIA, EMPULSIA, O, MODELO
 32

3m
 24. 6. 1947. P. E.

Ficou obstinado em conseguir uma máquina para que ele próprio pudesse fazer seus livros. Até que “você vê como a sorte é cega”, trabalhando em uma casa como pintor de parede, avistou um “molho de ferro” no quintal. Era um prelo manual, máquina que já tinha até ali vivido uma longa vida, herdada do bisavô do dono da casa. Pediu a máquina em pagamento pelo serviço e se dedicou a fazê-la funcionar. Começou a frequentar uma gráfica pedindo orientações, comprou os tipos e, depois de inúmeras tentativas, conseguiu fazer as primeiras composições. O primeiro livro impresso foi também o primeiro que escreveu, finalmente depois de mais de 20 anos.

Saindo de Minas Gerais no final da década de 60, o casal viveu no Rio de Janeiro (na região então chamada Morro Agudo) e São Paulo (em Santo Amaro e Osasco). Alugaram casas ou montaram barracos até comprar, em 1971, a casa na Rua Santa Luzia (padroeira dos cegos, deve-se notar), em Comendador Soares, bairro de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Mantiveram casa no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre as quais se dividiam os oito filhos do casal, que receberam todos o nome de Maria e José. Jota viajava frequentemente

entre as capitais, trabalhando em ambas: “Eu não falei que eu não paro?”. Viveu anos difíceis em periferias das cidades, carente de acesso à educação, serviços de saúde e lutando para alimentar sua numerosa família.



No Rio de Janeiro, a presença mais expressiva de poetas de cordel está relacionada ao espaço da Feira de São Cristóvão a partir da década de 40, quando se intensificou a migração de nordestinos para o centro sul do país. No ano de 1988, foi fundada outra importante instituição para a literatura de cordel na cidade, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, inspirada no modelo de organização da Academia Brasileira de Letras.

Buscando seus pares e os espaços possíveis de circulação de seu trabalho, a percepção de Jota sobre a Feira de São Cristóvão contrasta com uma imagem corrente do espaço como lugar de acolhimento e ponto de encontro dos nordestinos. Saía de casa de madrugada, levando parte dos filhos e, em sacolas de plástico, os folhetos de cordel impressos em casa em seu prelo manual. Não podia arcar com os custos de impressão em uma gráfica e não aceitava correções em sua escrita. Sem recursos também para armar uma banca, estendia os folhetos no chão, sobre uma folha de jornal ou de papelão, o que fazia com que, no fim do dia, estivessem cobertos de poeira.

Criticado pelos poetas que se reuniam no chamado Canto da Poesia, tentou se estabelecer num ponto mais afastado, às margens do pavilhão: “Me jogaram fora, me expulsaram”. No universo da literatura de cordel, a peleja ou o desafio parecem estruturar não só a forma como os versos são compostos, mas também a dinâmica das relações sociais entre os poetas. Julgamentos de superioridade e acusações são recorrentes. Avaliando que a Feira de São Cristóvão era lugar para poetas “ricos, elitistas, catedráticos, bacharéis, orgulhosos, donos de troféu”, alteridade em relação a quem se construía, estava decidido a abandonar a literatura.

Até que um encontro é apresentado como um divisor em sua vida, algo que dá sentido às escolhas que fez até ali, recompensa os percalços enfrentados e lhe abre novos caminhos. Na mesma época que decidia abandonar a literatura, recebeu pelo correio, vinda de São Paulo, uma carta do poeta e xilografador Jotabarros. A carta o orientava a procurar no Rio de Janeiro o General Umberto Peregrino. O militar potiguar fundou na década de 70, no bairro de Santa Teresa, a Casa de

Cultura São Saruê, que reunia biblioteca, museu de arte popular, escola de artes e um centro de estudos e editoração de literatura de cordel. Hospedava artistas em trânsito, promovia concursos, lançamento de folhetos, exposições, palestras e cantorias.

Sentiu-se bem recebido e, justamente no dia que estava visitando a casa, “você vê a sorte”, estava lá também Celia Pimentel, que trabalhava na Divisão de Folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), e o levou para conhecer sua diretora, Maria de Cáscia do Nascimento Frade. Esta se colocou à disposição para colaborar em tudo que o poeta precisasse e abriu para o trabalho de Jota caminhos até então não imaginados por ele, com convites para palestras em universidades e escolas: “A Dona Cáscia tinha aberto pra mim o paraíso. A Dona Cáscia foi pra mim a estrela que me botou em tudo quanto é universo”. Lagrou e Gonçalves (2013) caracterizam a arte popular brasileira como uma arte da relação, percebendo a dimensão do encontro com outros mundos como constitutiva na gênese do artista popular.

Jota demarca sua percepção das diferenças de concepção e das fronteiras entre os dois contextos: se na feira não foi aceito pelos poetas porque era analfabeto, nas instituições de pesquisa do patrimônio, do folclore e da cultura popular, nas escolas e universidades, foi valorizado justamente porque era “um poeta do povo”. Em um verso, ressalta, “a pobreza é o meu troféu”. Depois de ter vencido os desafios da escrita, dominado a máquina impressora, o autor conta como foi desenvolvendo mais uma habilidade, a de palestrante, que não dominava quando recebeu o primeiro convite.

Foi aprendendo o timbre e a tática para atrair o interesse da plateia, mantê-la envolvida em sua fala e conquistar aplausos ao final. Passou a compor emboladas para animar as apresentações. Começou a preparar palestras de duas horas sobre os assuntos de seu interesse e distribuía aos contratantes e alunos materiais impressos, como seu currículo e uma lista com sugestões de perguntas que poderiam ser feitas ao poeta para estimular o público a interagir.

Alcançou notável reconhecimento entre as escolas, universidades e centros culturais da região em que vivia, a Baixada Fluminense. Recebeu da Câmara Municipal de Nova Iguaçu o título de cidadão iguaçuano e foi homenageado como patrono de bibliotecas. Estabeleceu com as pesquisadoras Cásia Frade e Delzimar Coutinho relações de trabalho e amizade, tornando-as madrinhas de seus filhos e contando com seu apoio em momentos dolorosos da vida pessoal.

Com o número crescente de convites para dar palestras, a resistência dos poetas da feira se acirrou. Passaram a interpelar Cásia Frade questionando seus convites a um poeta que acusavam de analfabeto. Por conta de tais situações, descritas como mobilizadoras de sentimentos de humilhação, desmoralização e vergonha, decidiu se afastar definitivamente da Feira de São Cristóvão e nunca se aproximou da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Recorria ao INEPAC e ao Instituto Nacional do Folclore (INF), atual Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), quando precisava, fosse para pedir ajuda na datilografia ou xerox de seus materiais, fosse nas situações

Foi convidado a inaugurar, em 1983, com uma exposição sobre sua vida e obra, a SAP, do então INF. A SAP é um espaço expositivo e de comercialização das peças idealizado com a perspectiva conceitual de se afastar de uma ideia de folclore como produção anônima e valorizar o artista popular e/ou comunidade produtora, com uma pesquisa aprofundada do contexto de produção, usos dos objetos e concepções dos produtores, tornando visível o homem particular materializado nos objetos (Silva, 2012). Jota Rodrigues se apresentava como patrono da sala.

A exposição *Jota Rodrigues – folhetos, romances/literatura de cordel* apresentava cordéis e xilogravuras, o prelo manual e instrumentos usados na feitura das obras, o alto falante com que poetas e folheteiros anunciam cordéis para venda nas feiras, além de cartazes com exemplares de sementes e ervas medicinais e explicações sobre sua aplicação (outra especialidade de Jota Rodrigues).

Luis Peregrino realizou uma sequência de fotografias da casa do poeta, de seu local de trabalho e das etapas do processo de impressão, também expostas. No dia da inauguração, foi convidado a se apresentar com seu

grupo musical, Quarteto Jota Norte, em um palco montado na Rua do Catete, em frente à entrada do Museu. Durante o período em que a exposição ficou em cartaz (31 de maio a 17 de junho de 1983), Jota esteve presente no Museu, fazendo demonstrações da impressão dos folhetos no prelo manual, recebendo turmas de escolas, dando entrevistas a jornalistas.

O catálogo da exposição traz texto de apresentação de Dinah Guimaraens, parte das fotografias, e a reprodução de um texto biográfico manuscrito pelo poeta em cinco páginas (Jota Rodrigues, 1983). Incluído no encarte, estava um anúncio das atividades que Jota então desenvolvia, em que o poeta já intitulava a literatura de cordel de “patrimônio cultural brasileiro”, um presságio do reconhecimento oficial que aconteceria 35 anos depois, com a inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão pelo Iphan, em 2018.

Jota passou a receber uma aposentadoria do INSS após contribuir por uma vida trabalhando nas mais diversas profissões: “Fui locutor de rádio, orador político, sou escritor de novela, filme, chofer de pau de arara, mecânico

Traçando uma vida repleta de movimentos, o encontro com Cásia Frade é o último dos marcos de sua narrativa de crises. Ele sempre repete que não se dizia poeta ou artista para os colegas de ofício, mas foi reconhecido como tal por Cásia e os professores e pesquisadores próximos a ela.

Homenageou a vários deles em folhetos de cordel, como *Nascimento e vida do sociólogo Manuel Diégues Júnior*

e *Nascimento, vida e obra da Professora Cásia Frade*. Refletindo sobre sua “vida atormentada”, as filosofias de Jota (publicadas em folhetos de cordel ou propagadas em palestras e entrevistas) falam de um aprendizado que vem do sofrimento. Uma das filosofias que mais repetia é “Quando a gente vê uma pessoa doente, se puder, dê remédio. Se não puder, não apedreje”. Os poetas o teriam apedrejado, e os pesquisadores dado o remédio.



Arte da relação: Dinah Guimaraens (1983); Lélia Coelho Frota (1983); Ricardo Gomes Lima e Maria de Cásia do Nascimento Frade (1995); Vicente Salles, Elizabeth Pougy, Madalena Diégues e Claudia Marcia Ferreira (2012); Ana Carolina Nascimento (2015); Raquel Dias Teixeira (2015)

O Centro Cultural: os objetos que contam a história de Jota Rodrigues

Objetos das mais diversas naturezas reunidos por Jota nessa vida de tantas experiências foram expostos em um Centro Cultural em sua casa para receber visitantes, em que o poeta-palestrante (e poderíamos dizer museólogo?) ordenou a narrativa de seu percurso.

Dividindo o mesmo quintal, ficam a casa do casal Jota e Terezinha, a de sua filha Maria Aparecida e netos, e uma construção que abriga o Centro, em um modelo de habitação representativo da organização e reprodução das relações familiares nas classes populares (Duarte e Gomes, 2008).

O Centro Cultural divide-se em três salas temáticas: literatura de cordel, medicina popular e música. O espaço mudou de lugar algumas vezes no mesmo terreno, em função da vontade de seu idealizador de oferecer uma sala maior para receber visitantes e turmas escolares, constituindo-o em um equipamento cultural para uma região da cidade carente de investimentos do Estado.

A cada trabalho remunerado, Jota comprava parte do material e contratava pedreiros para avançar mais um pouco nas melhorias e expansão da construção. Em 2007, recebeu o *Prêmio Culturas Populares 2007 – Mestre Duda 100 anos de frevo*, concedido pelo Ministério da Cultura. O dinheiro foi quase que integralmente usado na construção do centro cultural.

Depois de ser locutor de rádio em Governador Valadares, Jota também integrou trios e quartetos de música popular brasileira, de início, e de ritmos regionais nordestinos. Tinha grande interesse por esse universo, e escreveu mais de 50 cordéis sobre compositores e cantores, que compunham as séries “Nascimento, vida e morte de” ou “Vida e sucessos de”. Dizia que podia dar uma palestra inteira de duas horas sobre cada um dos artistas.

Na sala do Centro dedicada à música, ficam sua estante de livros, enciclopédias e dicionários, a vitrola e a coleção de discos, chapéus com que se apresentava e instrumentos musicais; nas paredes, pendurados em barbantes ou colados com fita adesiva, recortes de jornais e revistas com reportagens sobre os artistas, e, também aqueles

identificados como “tragédias que abalaram o Brasil e o mundo”, assunto de outros tantos de seus cordéis. Empilhados nas estantes ou reunidos em pastas, mais revistas e recortes de jornal. Nesta sala, há ainda, no alto da parede, uma prateleira com imagens de santos, terços e crucifixos.



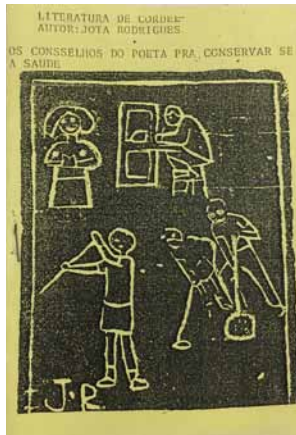
Na sala dedicada à medicina popular, ficam alguns preparados em garrafadas para exibição, fotografias de bancas de ervas e raízes em feiras, livros sobre o assunto e cartazes impressos com o anúncio de seu trabalho e explicações sobre os princípios de seu entendimento sobre o corpo humano. A medicina popular foi transmi-

tida oralmente através de uma longa linhagem familiar, passando de seu bisavô para o avô e deste para seu pai, de quem recebeu o aprendizado.

Acompanhava o pai às matas para buscar ervas, iniciou-se nos conhecimentos e começou a preparar remédios em chás e garrafadas. Fez o parto de alguns de seus filhos, já teve banca de ervas em feiras e dava consultas em casa. Entre seus materiais impressos está o “Questionário para identificar doenças e moléstias”, que dividia o corpo em seis fontes: cabeça, brônquios, intestino, fígado, rins, sangue, e a elas associava sintomas e queixas dos pacientes, para então receitar as substâncias e aplicações apropriadas. Publicou diversos folhetos de cordel sobre o assunto, como *O cordel e a medicina popular*, *As ervas medicinais* e *a magistério da saúde*, *Os valores desconhecidos das ervas medicinais*, e títulos da série “Como evitar ou curar”.

Há uma antiga relação entre a literatura de cordel e um amplo conjunto de saberes e práticas sobre a saúde. Em feiras do Nordeste, era comum encontrar poetas especialistas nesses saberes e folhetos de cordel vendidos

junto a almanaques, horóscopos, orações impressas, imagens de santos, ervas medicinais e óleos de peixe e baleia com propriedades curativas.



O cordel de Jota Rodrigues visto por dentro e por fora

A sala dedicada à literatura de cordel é o maior espaço do Centro. Lá fica, em estantes, o estoque de folhetos de cordel impressos prontos para venda, separados por título e classificados pelo autor em assuntos: 'tragédia', 'social', 'política', 'saúde', 'futebol', 'religião', 'cantores', 'educação', 'infantil'. Em outra estante, os primeiros e segundos originais manuscritos.

Jota organizou uma lista em que relacionava sua produção escrita entre 1946 e 2008 (deve-se observar que o autor continuou escrevendo depois desta data), somando 408 folhetos de cordel de 8 páginas² (todos em sextilhas e septilhas), 44 romances (como chama os folhetos de 16 a 56 páginas), 14 folhetos de cordel infantis, 5 novelas, com 109 a 180 capítulos, e 5 filmes. As novelas eram apresentadas nas palestras com projeção de slides. No alto das estantes está uma cartolina, com sua definição da literatura de cordel escrita à mão: "O cordel é uma ecologia literária qui enzenta-se de português, nudismos, pornografias ou palavrões".



Não há quase espaço de parede vazio na sala. Há placas com diplomas, comendas e premiações recebidas, cartazes com o anúncio de apresentações, versos e capas de cordel em tamanho ampliado, xilogravuras e fotografias. Os materiais são divididos em conjuntos, como “Meu mundo e magistério na minha infância” e “A família do Jota na impressão do cordel”. Em destaque, o cartaz anunciando a exposição da SAP de 1983, uma matéria de jornal sobre o evento e as fotografias feitas por Luis Peregrino para o catálogo da exposição.

Na falta de fotografias da infância, fez xilogravuras de personagens marcantes de sua trajetória (a mãe, o pai, o cego), e as apontava aos visitantes enquanto contava a história. Na presente exposição, detalhes desses personagens e cenas foram destacados e impressos em quadros feitos com bastidores de bordado, desenhando a vida de Jota Rodrigues.

A um canto da sala está o prelo, próximo a uma cartolina que o identificava “Impressora manual inglesa do século 19”. Pendurados em cordéis, instrumentos de trabalho, como tesouras e facas. Em uma mesa, a caixa tipográfi-

ca em madeira, com as letras para composição, e tacos de xilogravuras, o alto falante em cone e a mala de cordéis que levava para suas apresentações. Levava também barbantes para pendurar os folhetos, ferramentas, letras tipográficas, tacos de xilogravura, materiais impressos, chegando sempre com horas de antecedência para armar a exposição itinerante de seu Centro Cultural.



Para imprimir um folheto de 8 páginas, em uma chapa compunha letra a letra as palavras formadoras dos versos que, por sua vez, formavam as estrofes. Em cada chapa, montava 4 páginas do cordel, com 4 estrofes em cada página. Posicionava a chapa e a folha de papel na máquina, passava a tinta gráfica e puxava a alavanca, para que, com uma pancada, ficasse gravado à tinta no papel o texto da chapa. Com esta operação, imprimia 4 páginas de um folheto de cordel em um lado de uma folha de papel ofício. Depois compunha novamente os versos para formar as outras 4 páginas do folheto e realizava toda a operação para imprimi-las no avesso da mesma folha de papel. Contava mil pancadas para imprimir frente e verso de uma tiragem de 500 folhetos de 8 páginas. Folheando-os, podemos ver que faltavam ao equipamento de Jota letras tipográficas, precisando complementar palavras ou frases inteiras à mão. Seus romances permaneceram inéditos, dada a dificuldade de compor uma publicação mais extensa.

O artista produzia xilogravuras com a ajuda de instrumentos improvisados e adaptados – tesouras, facas, chaves, colheres de pau, pedaços de arame, arcos de



barrica – em caixotes de madeira catados na rua (como também algumas vezes eram catados os papéis para impressão). A capa e contracapa dos folhetos de cordel eram impressas no prelo em uma folha de papel ofício colorida cortada ao meio, na qual se compunha, na capa, o título e o nome do autor e a imagem em xilogravura, e, na contracapa, uma breve apresentação do

autor e seus contatos. A folha de papel ofício com as 8 páginas do cordel impressas nas duas faces era dobrada duas vezes, unida à folha colorida da capa e contracapa e grampeada, formando o folheto. Envolveu a esposa e os filhos no trabalhoso processo. Dividia as tarefas entre a família, que teve na atividade de poeta de cordel de Jota a principal fonte de sustento por décadas.



Com o passar do tempo e a extensa produção realizada, nos últimos anos não imprimia mais os folhetos no prelo manual, salvo em situações de urgência, quando precisava preparar um folheto e não tinha tempo para fazê-lo de outro modo. A máquina, que o acompanhou por boa parte de sua vida como poeta de cordel e com ele viajou pelo Brasil, era como uma extensão de seu corpo. Dizia que foram-lhe acabando os tipos e as forças, ele e a máquina estavam cansados. Considerava-a como parte dele e jamais aceitaria as ofertas que recebeu para vendê-la. Continuou envolvendo a família no processo de impressão, agora uma terceira geração. Escrevia à mão, os netos digitavam no computador e levava a alguma gráfica ou papelaria para fazer xerox. Sempre foi um poeta que realizava todas as etapas da produção: a criação, a impressão e a venda.

Muitos dos seus cordéis trazem “minha vida”, “eu”, “Jota Rodrigues” no título e são organizados como autobiografias. Entre muitos, estão: *O sofrer do Jota Rodrigues no dia do nascimento*, *Os cegos que eu conheci e seu guia pode ser*, *As profissões que exerci*, *Meus sofrimentos e glórias dirigindo paus-de-arara*, *O cordel de*

Jota Rodrigues visto por dentro e por fora, *Os apertos da minha vida*, *Meu mundo minha escola*. Os marcos a que sempre voltava ao falar de sua vida são recorrentemente presentes em seus cordéis: a morte da mãe, o dom que recebeu do pai, o cego, o aprendizado da escrita, o primeiro cordel, o trabalho no pau de arara, a impressão no prelo manual, os muitos ofícios que exerceu, seu conhecimento das ervas medicinais, a pobreza e a vida em periferias do Rio de Janeiro e São Paulo, os desafios enfrentados na Feira de São Cristóvão, Cásia Frade, a atividade de palestrante, tudo está lá.

O pesquisador holandês Joseph Luyten considerou-o o melhor representante do migrante nordestino confinado na periferia, e suas poesias como as observações amargas de um líder de opinião popular a respeito da vida que as camadas menos favorecidas são obrigadas a levar à sombra da sociedade receptora sulina (Luyten, 1981). Como o narrador benjaminiano, que imprime sua marca na narrativa, como a mão do oleiro na argila do vaso, o poeta não apenas informa ou descreve, mas imprime a sua leitura particular sobre os acontecimentos, seja de como interpretou o que leu ou ouviu, seja relacionando à sua vida

e fazendo avaliações a partir de sua experiência (Benjamin, 1975). Em seus cordéis sobre tantos outros assuntos, como cantores, políticos, crítica social, saúde e doença, ecologia, o autor se colocou como um personagem.



Jota Rodrigues e seu centro cultural são constituídos por estas várias facetas que incorporam o universo da poesia, da xilogravura, da música, da medicina popular que, por sua vez, engendram o próprio cordel.

Muitas das filosofias do autor tratavam da passagem do tempo, de sua própria finitude e do que deixaria neste mundo ao partir. Refletia sobre a transmissão de seus saberes: “Meu bisavô, nascido em 1756, era violero e poeta. Ele ensinou o ofício a meu avô, nascido em 1791, que, por sua vez, o ensinou a meu pai, que nasceu em 1869. Foi meu pai, que depois de viúvo não quis mais tocar viola, quem me passou esse conhecimento e me falou para ensinar também aos meus filhos, para que o meu lugar não ficasse vazio com a minha morte”. O poeta faleceu em 21 de fevereiro de 2018. Seu “amanhã” segue nos materiais que deixou. O Centro Cultural, mantido pela família, foi a missão transmitida e continuada por seus filhos. No final do ano de 2018 o SESC Duque de Caxias e o SESC Nova Iguaçu apresentaram na Baixa Fluminense, região que acolheu e consagrou o poeta, a exposição *Jota Rodrigues – a arte da vida atrevida* (com curadoria de Ricar-



do Gomes Lima), dando continuidade à itinerância do projeto do artista. Segue pronta para futuras exposições.

A 200ª edição da Sala do Artista Popular apresenta ao público seus manuscritos, folhetos, xilogravuras, o prelo e ferramentas de trabalho, e uma parte dos objetos que reuniu ao longo de mais de oito décadas em suas atividades na música, na medicina popular e na poesia, além de fotografias e gravações, celebrando a arte da vida atrevida de Jota Rodrigues.

Notas

¹ Em diferentes momentos, os autores desse texto cruzaram seus caminhos com os de Jota Rodrigues. Ricardo Gomes Lima, dos anos 1990 a 2010, convidava-o semestralmente para palestras em suas turmas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ana Carolina Nascimento realizou entrevistas com Jota durante pesquisas de doutorado e no processo de instrução técnica para o registro da literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan, nos anos de 2012 e 2015, respectivamente.

² No acervo da Biblioteca Amadeu Amaral (CNFCP/IPHAN) 162 dos folhetos estão disponíveis para consulta.

LITERATURA DE CORDEL

Autor: JOTA RODRIGUES

- A AIDS E SUAS CONTRADIÇÕES -



LITERATURA DE CORDEL
JOTA RODRIGUES

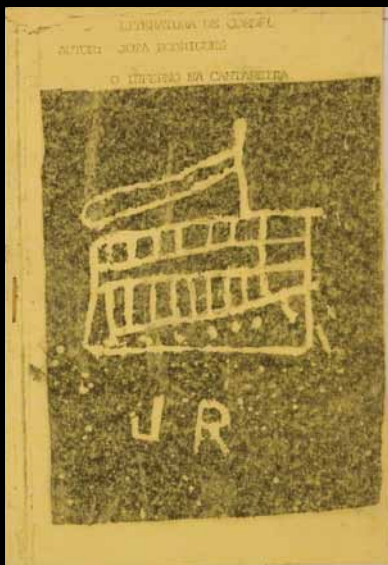
O GRANDE HOSPITAL DA PISSE COMO FOI E E SERÁ



LITERATURA DE CORDEL
AUTOR: JOTA RODRIGUES

O Drama dos Favelados





Palestra
&
Exposição

J. Rod



drigues



VIDA DO POETA

Jota Rodrigues, mais conhecido como "Seu J.", é um dos grandes contadores da Formação Popular através da literatura de cordel, folhetimista, grande ilustrador de plantas medicinais e, acima de tudo, um homem sempre ligado ao seu Povo. Desde cedo se interessou por arte incentivado pelo pai, José Sabatiano, lavrador e vidreiro aprendiz.

Em 1940, J. Rodrigues escreveu o primeiro folheto chamado "Cordel sobre cultura da roça". No início de 60 saiu morar em Comendador Soares, Nova Iguaçu. Após obter vários outros, foi convidado para viver suas obras na antiga Feira de São Gonçalo, mas foi interrompido por ser analfabeto. Surpreendeu com a ajuda de outros poetas e artesãos que desafiaram a condição de analfabeto cultural. Jota procurou outros meios de divulgar suas obras e começou a aproveitar propostas de instituições locais e universidades.

Os temas abordados pelo poeta refletem tristezas, desgosto, sofrimento, esperanças, feições históricas e o sofrimento do povo. Até hoje são mais de 400 obras entre folhetos de 16 páginas, romances com 24 páginas e um livro antológico "Primeira Antologia do Cordel de Jota Rodrigues".

Jota Rodrigues possui um vasto acervo pessoal sobre a história cultural desse país, e esse acervo está prestes para o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Estação Carmen, Maricó com toda a diligência para divulgar esse trabalho o poeta fala: "Para viver na arte tem que viver para arte."

Carreira: Poeta Dileta.

Veja ainda um pouco do acervo do artista.

L I T E R A T U R A

P O P U L A R

B R A S I L E I R A

J O T A R O D R I G E S

Referências

BENJAMIN, Walter. "O narrador". In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BRASIL. IPHAN. **Dossiê de Registro da Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2018.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

GONÇALVES, Marco Antonio. "Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita". In: **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. Rio de Janeiro, v.4, n.1, 2007.

JOTA Rodrigues (José Rodrigues de Oliveira). **Cordel, tatro e cultura da roça**. S.l. s.n., 1946.

JOTA Rodrigues (José Rodrigues de Oliveira). **Jota Rodrigues: folhetos, romances/literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, Instituto Nacional do Folclore, 1983.

LAGROU, Els; GONÇALVES, Marco Antonio. "L'art Populaire brésilien: un art de la relation", *Perspective* 2/ 2013, 387-395.

LUYTEN, Joseph Maria. **A literatura de cordel em São Paulo: saudosismo e agressividade**. São Paulo: Loyola, 1981.

SILVA, Rita Gama. **A cultura popular no Museu de Folclore Edison Carneiro**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.

Contatos para comercialização

Maria Aparecida de Oliveira (Cida)

cidamaria2010@gmail.com

(21) 2695 2740 | (21) 97919 7903

Sala do Artista Popular | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)

Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000

(21) 3826-6460

mercado.folclore@iphan.gov.br

www.cnfcp.gov.br

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 2019 a 08 de dezembro de 2019
Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
IPHAN | Ministério do Turismo

